

Pierre Bourdieu e a epistemologia*

WALTER PRAXEDES**

Resumo: Para a elaboração de sua teoria sociológica, baseada em conceitos como habitus, campo, prática, capital, violência simbólica etc., e a realização de inúmeras pesquisas empíricas, Pierre Bourdieu mobilizou alguns pressupostos filosóficos e científicos, chamados por ele de “preliminares epistemológicas”. Desde a década de 1960, a partir da recepção das concepções filosóficas e científicas defendidas pelos filósofos Gaston Bachelard e Georges Canguilhem, Bourdieu buscou a construção de uma teoria investigativa que possibilitasse a superação dos “obstáculos epistemológicos” que para ele dificultariam a elaboração do conhecimento científico do mundo social. O objetivo deste artigo é discutir alguns desses pressupostos epistemológicos, como, por exemplo, o pensamento relacional, o axioma baseado no “primado teórico do erro” e a necessidade de “ruptura com o senso comum”, que orientaram a construção da teoria sociológica e a realização das pesquisas por Pierre Bourdieu, e deram origem aos seus inúmeros artigos científicos e livros.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu; Epistemologia; Gaston Bachelard; Georges Canguilhem.

Abstract: For the elaboration of his sociological theory, based on concepts such as habitus, field, practice, capital, symbolic violence, etc., and the realization of numerous empirical researches, Pierre Bourdieu mobilized some philosophical and scientific assumptions, which he called “epistemological preliminary”. Since the 1960s, from the reception of the philosophical and scientific conceptions defended by the philosophers Gaston Bachelard and Georges Canguilhem, Bourdieu sought to build an investigative theory that would make it possible to overcome the “epistemological obstacles” that for him would make the elaboration of scientific knowledge difficult. The purpose of this article is to discuss some of these epistemological assumptions, such as relational thinking, the axiom based on the “theoretical primacy of error” and the need for an “rupture with common sense”, which guided the construction of sociological theory and the carrying out of research by Pierre Bourdieu, and gave rise to his numerous scientific articles and books.

Key words: Pierre Bourdieu; Epistemology; Gaston Bachelard; Georges Canguilhem.

* Dedico este artigo aos estudantes do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá que cursaram a disciplina Sociologia de Pierre Bourdieu, no segundo semestre de 2021, e motivaram a produção deste texto: Cauana Candido Pereira da Silva, Daniela Martins da Silva, Daniela Soares da Silva, Davi Talizin, Gabriel Melo, Jaqueline França da Silva, Jordan Augusto Porto Tenório, Juliana Naiara Negrelli, Jullie Catherine Furtado, Leonardo Cazini dos Santos, Lucas Luan Gomes, Maria Isabel Trivilin Pereira, Mayara Ciotti Ferro, Maycon Rocha de Almeida Nascimento, Paula Cristina Gomes dos Santos, Regina de Fatima Kuhn.



** **WALTER PRAXEDES** é Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo; Professor Associado da Universidade Estadual de Maringá e Membro de corpo editorial da Revista Espaço Acadêmico (UEM).

Introdução

O termo “epistemologia” passou a ser usado no campo intelectual francês, no início do Século XX, para designar a “análise rigorosa dos discursos científicos” e das formas de raciocínio desenvolvidas nas teorias científicas (LE COURT, 2010, p. 24). Como recorda Dominique Lecourt (Idem) a epistemologia se desenvolveu na França como uma disciplina científica separada da filosofia. Pierre Bourdieu (1930-2002) se aproximou da epistemologia quando cursava filosofia na Escola Normal Superior, Faculdade de Letras de Paris, entre os anos de 1951 e 1954. Durante aqueles anos, o jovem Bourdieu manteve uma relação de admiração, afinidade intelectual e afeição com o seu professor Georges Canguilhem (1904-1995), que, segundo suas palavras, o “ajudou muito a conceber a possibilidade realista de viver a vida intelectual” (BOURDIEU, 2005, p. 58). Segundo Bourdieu (2005, p. 58-59), “ao dar continuidade à obra de Gaston Bachelard (1884-1962)..., Georges Canguilhem produziu uma contribuição decisiva para a epistemologia histórica ou, mais, para a historicização da epistemologia, para a análise rigorosa da gênese dos conceitos científicos e dos obstáculos históricos à sua emergência.”

Quando se aproximou do debate epistemológico, na década de 1950, Pierre Bourdieu chegou a pensar em liderar “um movimento de libertação das ciências sociais contra o império e a influência da filosofia” (BOURDIEU, 2004a, p. 140) e, sob a orientação de Georges Canguilhem, teve uma formação racionalista que o levou a se apoiar na filosofia de Gaston Bachelard para “fundar uma epistemologia das ciências sociais”, baseada em “uma filosofia construtivista da ciência.” (BOURDIEU, 2004a, p. 146).

Para Bourdieu, ao mesmo tempo em que Georges Canguilhem era um representante do racionalismo filosófico francês, “...exercia sua função de professor e de professor de filosofia com simplicidade, sem complacência nem ênfase, mas também sem concessões: jamais posava de filósofo” (BOURDIEU, 2005, p. 59). A afeição entre professor e aluno foi favorecida, segundo Bourdieu, pela afinidade dos habitus, pois compartilhavam a origem social popular, camponesa e provinciana. Bourdieu costumava visitá-lo em seu escritório da *rue du Four*, que lá o segurava “...tardes inteiras (escarafunchava em sua biblioteca, para presentear-me artigos em separatas, às vezes com dedicatórias, de grandes sábios estrangeiros, como Cannon), e eu só o deixava ao cair da noite” (BOURDIEU, 2005, p. 60). Sob a influência e a orientação de Canguilhem, Bourdieu voltou-se para a epistemologia e à história das ciências. O filósofo Michel Foucault chegou a afirmar que se desconsiderarmos a influência recebida de Georges Canguilhem, que também foi seu professor, não entenderemos “o que tem de específico” o pensamento de um sociólogo como Bourdieu. (FOUCAULT, 1985, p. 3)

A profissão de sociólogo

No livro *A profissão de sociólogo*, publicado em 1968 com o título *Le métier de sociologue. Préalables épistémologiques* (Paris, La Haie, Mouton-Bordas Éditeur), os autores Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon e Jean-Claude Passeron defendem como tese fundamental que a superação dos obstáculos epistemológicos próprios das ciências sociais depende da construção de uma teoria do conhecimento sociológico. Visando alcançar os objetivos pedagógicos que levaram à publicação

da obra, os autores realizam uma transposição das concepções epistemológicas dos filósofos Gaston Bachelard e Georges Canguilhem para a pesquisa social. Entretanto, na divisão do trabalho de organização do livro realizada pelos co-autores, Chamboredon ficou responsável pela edição dos textos de apoio publicados no final da obra e que “ilustram os princípios da ciência sociológica”; Passeron participou da elaboração do livro e contribuiu para a construção do pensamento de Pierre Bourdieu, mas posteriormente se afastou das concepções defendidas na obra. Em decorrência, como escreveu Anna Boschetti (2020, p. 572), *A profissão de sociólogo* é sobretudo “uma expressão do pensamento de Bourdieu”.

Combinando Marx, Weber e Durkheim

Para compreendermos as concepções de ciência e de pesquisa científica defendidas e colocadas em prática nos trabalhos teóricos e investigativos de Bourdieu, podemos compará-las com alguns pressupostos epistemológicos formulados por Bachelard e por Canguilhem. Ao longo deste texto muitas citações ocorrerão com o recurso ao uso do “apud”, com o intuito de evidenciar como Bourdieu assumia em seus trabalhos as afirmações dos autores que tomava como fontes.

O primeiro desses pressupostos é a ideia de que a ciência é cumulativa e seletiva e, por isso, os cientistas devem realizar as suas investigações recorrendo às contribuições dos diferentes autores que já produziram um conhecimento que possa ser considerado como relevante. Nas palavras de Canguilhem, “o filósofo é homem de uma só doutrina: é idealista ou realista, racionalista ou positivista. Mas a ciência moderna não se deixa encerrar em nenhuma doutrina

excludente. Para compreender seus métodos efetivos, para seguir o trabalho e a marcha da razão deve coordenar várias filosofias.” (CANGUILHEM, 1994, p. 188)

Com uma concepção muito próxima, Bachelard considerava que “cada pesquisador necessita de uma “polifilosofia”, que possibilite o emprego de “elementos filosóficos extraídos dos sistemas em que se originaram”. (BACHELARD, 1994, p. 11)

Pierre Bourdieu se baseava nessas ideias defendidas por Canguilhem e Bachelard, mas reformulava-as ao conceber que “... a justa atitude para com a tradição teórica, consiste em afirmar, ao mesmo tempo, a continuidade e a ruptura, a conservação e a superação, em se apoiar em todo o pensamento disponível sem temer a acusação de seguidismo ou de ecletismo, para ir além dos antecessores, ultrapassados assim por uma utilização nova dos instrumentos para cuja produção eles contribuíram.” (BOURDIEU, 2001, p. 63)

Ao compararmos as citações de Canguilhem, Bachelard e Bourdieu apresentadas acima, fica evidente porque ao elaborar o seu próprio pensamento, o último combina autores aparentemente defensores das mais diferentes concepções. Ao invés de considerar que as teorias sociais se excluem reciprocamente, Bourdieu seleciona em cada uma aqueles elementos que podem ser combinados para a fundamentação dos seus trabalhos. Como o próprio Bourdieu argumentou a esse respeito,

A questão da filiação de uma pesquisa sociológica a uma teoria particular do social – por exemplo, a de Marx, Weber ou Durkheim - é sempre secundária em relação à questão de saber se tal pesquisa tem a ver com a ciência sociológica: com efeito, o único critério

para responder a tal pergunta reside na aplicação dos princípios fundamentais da teoria do conhecimento sociológico que, como tal, não estabelece qualquer separação entre autores que, em princípio, estariam separados no terreno da teoria do sistema social. (BOURDIEU et al., 1999, p. 13-14)

E para não inferirmos que Bourdieu adotou essas concepções em um momento específico de sua trajetória, podemos recordar o que ele escreveu já no final da carreira: “Eu posso pegar meu próprio exemplo: dificilmente há uma frase que eu pronuncie que não possa ser atribuída a Durkheim, Marx, Weber e alguns outros ou a uma mistura dos três”. (BOURDIEU, 2013, p. 97)

Ao lermos esses fragmentos da obra de Bourdieu, poderíamos considerá-lo como um autor que elabora as suas ideias de maneira eclética e incoerente. Bourdieu se precava contra essa acusação de ecletismo recordando e defendendo a abordagem adotada por Marcel Mauss, para quem “os verdadeiros grandes etnólogos têm sido tão ecléticos na escolha dos problemas quanto na escolha de seus métodos” (MAUSS, apud BOURDIEU, 2004c, p. 20). Para um Bourdieu influenciado por Mauss, em síntese, “o elogio do ecletismo é também um elogio da ciência” (BOURDIEU, 2004c, p. 20).

A indissociabilidade entre teoria e pesquisa

Uma característica metodológica que é marcante na obra de Bourdieu é a concepção de que a construção de uma teoria da sociedade não pode ser dissociada da realização de pesquisas empíricas. O conhecimento teórico se constitui “como um modo de pensamento, um sistema de padrões estritamente controlados de percepção do mundo social. Um método de pensamento que é obviamente produto

da pesquisa, que tem suas raízes na pesquisa...” (BOURDIEU, 2015, p. 200)

Podemos recordar que a obra *A profissão de sociólogo* se inicia com uma citação de um texto de Augusto Comte em que o fundador da sociologia defende a relação de dependência mútua entre teoria e pesquisa: “O método, escreve Auguste Comte, não pode ser estudado separadamente das pesquisas nas quais é utilizado; ou, pelo menos, não passa de um estudo morto, incapaz de fecundar o espírito que se entrega a ele” (COMTE, apud Bourdieu et al., 1999, p. 9). Logo em seguida a esta citação, Bourdieu enfatiza a importância desse ensinamento de Comte: “Nada haveria acrescentar a esse texto...” (BOURDIEU et al., 1999, p. 10). Para fundamentar a adoção do ensinamento de Comte, na nota de rodapé inserida na mesma página, Bourdieu recorda como Georges Canguilhem defendia o mesmo ponto de vista: “Com G. Canguilhem, poderíamos observar que não é fácil superar as solicitações do vocabulário que “nos levam, incessantemente, a conceber o método como suscetível de ser separado das pesquisas em que está em ação: [A. Comte] ensina na primeira lição do *Cours de philosophie positive* que “o método não pode ser estudado separadamente das pesquisas nas quais é utilizado”, o que subentende que a utilização de um método pressupõe que este seja, previamente, conhecido”. (CANGUILHEM, apud BOURDIEU et al., 1999, p. 9-10)

Como orientações práticas para a realização da pesquisa social, Bourdieu propunha que os conceitos teóricos fossem utilizados na construção do objeto da investigação como ferramentas para interrogar a realidade. Isso possibilita que o estudo dos conceitos e das técnicas investigativas adotadas pelo pesquisador não seja separado das atividades de

pesquisa. O objeto da pesquisa científica é construído a partir de uma teoria, mas os conceitos já formulados previamente não são considerados por Bourdieu como verdades universais e inquestionáveis, e sim como ferramentas investigativas.

“O real é relacional”

Um outro pressuposto bachelardiano presente no pensamento de Pierre Bourdieu é o emprego de uma abordagem teórica baseada no primado das relações sociais. “No começo havia a relação”, como sintetizava Bachelard (1939, p. 65), segundo o qual, “não há um fenômeno simples, o fenômeno é um tecido de relações.” (BACHELARD, 1937, p. 25). Em sua recepção desse pensamento bachelardiano, Bourdieu afirmava que “o Real é relacional” (BOURDIEU, 1996, p. 16). Em outras palavras, “o que a sociologia pretende descrever são coisas que são completamente invisíveis, relações que não podem ser fotografadas.” (BOURDIEU, 2015, p. 214)

Combinando o pensamento de Gaston Bachelard com o de Ernst Cassirer (1874-1945), Bourdieu era defensor de uma abordagem relacional que possibilitasse a superação da análise substancialista dos fatos, como se esses ocorressem isoladamente e sem conexões com outros fenômenos e com o todo social. Na teoria social construída por Bourdieu, os agentes sociais participam de um sistema de relações sociais estruturadas hierarquicamente no interior dos campos sociais e no conjunto do espaço social, de acordo com a distribuição desigual dos capitais cultural, econômico, social, político e simbólico. As relações de interações entre os agentes são condicionadas pelas posições sociais ocupadas pelos mesmos. Como afirmou Gisèle Sapiro (2020, p. 732), “Bourdieu desenvolve uma epistemologia relacional para

apreender as relações objetivas que estruturam o mundo social”. Por isso, os conceitos elaborados por Bourdieu tem como objetivo a expressão dos conteúdos das relações sociais estabelecidas entre os agentes. O habitus, por exemplo, representa o processo de construção das características de cada ser humano com base nas relações que ele estabelece com os outros agentes e com as estruturas já existentes no mundo social e nos campos. O conceito de prática é a expressão do resultado das relações entre os habitus e as coerções e possibilidades presentes nas estruturas dos campos. Em síntese, “é a relação que diz, prova, engloba tudo” (BACHELARD, apud BOURDIEU et al., 1999, p. 105).

História e interdisciplinaridade

As relações sociais são abordadas sociologicamente através do princípio da historicidade, uma vez que se consubstanciam nas condições de existência e são estabelecidas como processos sociais que ocorrem na história. Nas palavras de Bourdieu “... a cada instante, toda a história está presente na objetividade do mundo social e na subjetividade dos agentes sociais que vão fazer a história.” (BOURDIEU, 2014, p. 125)

É essa historicidade das relações sociais que leva Bourdieu a adotar uma concepção interdisciplinar de ciências sociais. Para ele, “a fronteira entre sociologia e história não tem nenhum sentido. A mesma coisa para a fronteira entre antropologia e sociologia...” (Bourdieu [1990], 2014, p. 133).

Abordando diretamente o problema do conhecimento disciplinar, Bourdieu considera que “A sociologia como a concebo sai dos limites tradicionais impostos à disciplina...” (BOURDIEU, 2014, p. 137). “Devemos cruzar as

fronteiras disciplinares e ir buscar em outras disciplinas as coisas que aqueles que estão ocupados procurando na sua disciplina não encontram ali, porque não estão procurando.” (BOURDIEU, 2013, p. 164)

O conhecimento científico é retificatório

Bourdieu adota também o princípio bachelardiano do primado teórico do erro e da retificação, que concebe a “teoria da verdade como teoria do erro retificado” (BOURDIEU et al., 1999, p. 18-19). É a correção de um conceito que leva à produção de um conhecimento mais adequado. Segundo uma máxima defendida por Bachelard, e citada por Bourdieu em suas aulas no Collège de France, “o espírito científico se constitui como um conjunto de erros retificados” (BACHELARD, apud Bourdieu, 2015, p. 537). E completa Bourdieu, “...é por isso que você tem que cometer erros para avançar cientificamente” (BOURDIEU, 2015, p. 538).

Distanciando-se do positivismo científico, Bourdieu assume a concepção epistemológica também defendida por Canguilhem, segundo a qual “um fato não prova nada enquanto os conceitos que o enunciam não forem metodicamente criticados, retificados, reformados. Somente os fatos reformados trazem informações” (CANGUILHEM, apud BOURDIEU et al., 1999, p. 243). O erro é concebido como anterior à construção de um conhecimento científico. O conhecimento construído se aproxima mais da verdade por ser o resultado de

uma correção. Ao retificarmos constantemente o que pensamos nosso conhecimento se torna mais elaborado. Enfim, a soma das correções dos erros vai nos aproximando da verdade. Para ilustrar esse pensamento, Bourdieu recorre a uma analogia estabelecida pelo físico Pierre Duhem, segundo a qual o processo de construção do conhecimento científico deve ser realizado da mesma forma que “...uma pintura simbólica na qual um retoque incessante dá maior amplitude e unidade (...) enquanto cada detalhe, separado do todo, perde qualquer sentido e já não representa qualquer coisa” (DUHEN, apud BOURDIEU, 1968b, p. 688).¹

O fato de Bourdieu reiteradamente voltar a discutir os mesmos temas, reelaborando as suas análises e interpretações, revisando e reformulando seus artigos científicos e livros, com novas e diferentes abordagens dos mesmos objetos de pesquisa, significa a efetivação desse postulado da retificação. Para tomarmos apenas um exemplo dessa postura adotada por Bourdieu, o livro *Esboço de uma teoria da prática*, originalmente publicado em 1972, é reelaborado e publicado em 1980 com o título *O senso prático*.

Ruptura com o senso comum

A superação dos obstáculos epistemológicos que dificultam a construção do conhecimento científico, segundo a concepção de ruptura epistemológica proposta por Bachelard, leva em consideração que a aparência da realidade, ou seja, “a evidência primeira não é uma verdade fundamental”

¹ “A symbolic painting to which incessant retouching gives greater extent and unity while each detail, cut off from the whole, loses any meaning and no longer represents anything”. P. Duhem, *La théorie physique, son objet, sa structure*. Paris: M. Rivière, 1914, 2nd ed. reviewed and enlarged, p. 311. Apud

BOURDIEU, P. “Structuralism and Theory of Sociological Knowledge.” *Social Research*, Vol. 35, No. 4, Focus Conservative Approaches in the Human Sciences (WINTER 1968), pp. 681-706. Published by: The New School Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40969937>

(BACHELARD, apud CANGUILHEM, 1999, p. 104), uma vez que “o fenômeno imediato não é um fenômeno importante.” (BACHELARD, Idem). Ainda de acordo com Bachelard, “diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber”, por isso, ironicamente Bachelard afirmava que “as intuições são muito úteis: servem para ser destruídas”. (BACHELARD, 1978, p. 84).

Para essa concepção epistemológica, na construção do conhecimento científico sobre o mundo social, entre os mais importantes obstáculos se encontram os preconceitos, os conhecimentos espontâneos e intuitivos, e também as crenças e concepções próprias dos saberes que são classificados como “senso comum”, como também propunha Durkheim em suas *Regras do método sociológico*. Segundo as palavras do próprio Bourdieu (2015, p. 194), “construir um objeto científico é, antes de mais nada e sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, na objetividade das organizações sociais e nos cérebros” (BOURDIEU, 2001, p. 34). Esse rompimento com a “adesão à experiência dóxica do senso comum” deve ocorrer, uma vez que

“a familiaridade com o universo social constitui, para o sociólogo, o obstáculo epistemológico por excelência porque ela produz continuamente concepções ou sistematizações fictícias ao mesmo tempo que as condições de sua credibilidade. O sociólogo nunca conseguirá acabar com a sociologia espontânea e deve se impor uma polêmica incessante contra as evidências ofuscantes que proporcionam, sem grandes esforços,

a ilusão do saber imediato e de sua riqueza insuperável”. (BOURDIEU et al., 1999, p. 23)

Em toda a sua trajetória como pesquisador, Bourdieu se manteve coerente com essa ideia de ruptura com o senso comum. Segundo as suas próprias palavras, em uma aula que proferiu no curso *Sobre o Estado*, em 1990, “várias vezes disse que a dificuldade da sociologia é que ela deve destruir o sentido comum, afastar tudo o que tem a ver com a protocrença, que é mais que uma crença: é uma crença que não se conhece como tal. A sociologia deve destruir uma doxa.” (BOURDIEU, 2014, p. 223)

O “princípio da não-consciência”

A ruptura epistemológica com o senso comum está relacionada à adoção do “princípio da não-consciência”. Segundo Bourdieu, “é porque os agentes sociais não sabem completamente o que estão fazendo que existe, no que fazem, mais sentidos do que eles sabem” (BOURDIEU, 2013, p. 103). De acordo com as palavras do próprio Durkheim (Apud BOURDIEU et al., 1999, p. 26), a vida social deve “...ser explicada, não pela concepção que têm a seu respeito os que participam nela, mas por causas profunda que escapam à consciência”. Esse “princípio da não-consciência” também pode ser encontrado na filosofia de Kant, para o qual “...os homens, enquanto indivíduos, e mesmo povos inteiros não se dão conta de que, enquanto perseguem propósitos particulares, cada qual buscando o seu próprio proveito, e frequentemente uns contra os outros, seguem inadvertidamente, como um fio condutor, o propósito da natureza, que lhes é desconhecido, e trabalham para a sua realização. (KANT, 1986, p. 10)

Para Bourdieu, seria uma ilusão atribuir aos seres humanos a capacidade de conhecer todos os significados e sentidos presentes em suas condutas. “Essa ilusão de transparência e domínio imediato do mundo social é, segundo Durkheim, o obstáculo fundamental ao conhecimento científico do mundo social”. (BOURDIEU, 2015, p. 216)

A objetividade do conhecimento e a construção do objeto de pesquisa

As concepções epistemológicas adotadas por Pierre Bourdieu se relacionam diretamente com as diferentes metodologias que ele mobiliza em seu trabalho de investigação. Na construção do conhecimento científico sobre o mundo social, a superação de obstáculos como as crenças e preconceitos do senso comum, bem como a retificação dos erros cometidos no processo de pesquisa, não garantem a objetividade científica. As teorias, conceitos, técnicas, instrumentos, materiais e ideias cada vez mais complexos empregados durante a investigação possibilitam uma melhor aproximação da objetividade.

Bourdieu denomina como “trabalho de objetivação”, a ato de “expor à vista, constituir, descrever, analisar” os pressupostos da investigação, mas também o *modus operandi* que é empregado pelo pesquisador em sua pesquisa (BOURDIEU, 2015, p. 216). Para tanto, é necessário um trabalho de racionalização, matematização e construção, que possibilite esse processo de objetivação progressiva da ciência. Mas é preciso que levemos em consideração, que na concepção epistemológica bachelardiana adotada por Bourdieu, o conhecimento científico é sempre aproximativo. Ou seja, “O real nunca é o que se pode crer, mas é sempre o que se deveria ter pensado”, segundo Bachelard, (apud CANGUILHEM, 1999, p. 104), para

quem “a verdade é o resultado das ilusões perdidas.” (apud CANGUILHEM, 1999, idem).

Também para Canguilhem, “a ciência não capta, nem captura o real, mas indica a direção e a organização intelectual, segundo as quais é possível ter a segurança de nos aproximarmos do real” (CANGUILHEM, apud BOURDIEU, 1999, p. 104). Essa aproximação do conhecimento em relação à realidade representa o próprio processo de construção do objeto da pesquisa científica. “O fato científico é conquistado, construído, constatado” (BOURDIEU, 1999, p. 24), e “qualquer dado deve ser encontrado como um resultado.” (BOURDIEU, 2015, p. 84)

Para que esse processo de construção do objeto de pesquisa seja realizado, é necessário superar aquilo que Bourdieu denomina como uma espécie de “monoteísmo metodológico”. O pesquisador não pode se recusar a usar as teorias e técnicas que sejam pertinentes para a coleta de dados. De acordo com a sua concepção metodológica, “pode-se, por exemplo, utilizar a análise das correspondências para fazer uma análise de discurso... ou combinar a mais clássica análise estatística com um conjunto de entrevistas em profundidade ou de observações etnográficas”. (BOURDIEU, 2001, p. 26)

Retomando a discussão sobre a realização prática da pesquisa científica, cada pesquisador adota um referencial teórico que será empregado em sua pesquisa concreta. Bourdieu (1999, p. 42), colocando em prática a concepção de racionalismo aplicado de Bachelard, considera que “[...] toda teoria científica se aplica ao dado como um código historicamente constituído e provisório”. A atividade de investigação científica depende sempre da existência de pressupostos teóricos que são adotados

pelo pesquisador. Dessa forma, a realidade empírica vai ser pensada através dos pontos de vista contidos em uma teoria racional. Bourdieu assume para si a afirmação do linguista Ferdinand Saussure de que “o ponto de vista cria o objeto.” (SAUSSURE, apud BOURDIEU, 2009, p. 51)

As informações coletadas da realidade devem ser comparadas com a teoria adotada. Os conhecimentos teóricos acumulados na forma de conceitos são utilizados, assim, como ferramentas investigativas que possibilitarão a definição do problema a ser pesquisado. Dessa comparação entre a teoria e a realidade, surgem, então, o problema e as hipóteses que o pesquisador elabora para orientar sua pesquisa, podendo ser formulados como perguntas a serem respondidas por meio da investigação. Como nos ensina Bourdieu, para que isso se realize, será necessário “[...] renunciar à ambição impossível de dizer tudo sobre tudo e de forma ordenada” (BOURDIEU et al., 1999, p. 21), e utilizar os conhecimentos contidos na teoria para fazer perguntas sobre os fenômenos que percebidos na realidade.

A construção do objeto de pesquisa, portanto, é um trabalho lento de definição de um conjunto de características selecionadas pelo pesquisador segundo os critérios teóricos e metodológicos adotados. “Para saber construir o objeto e conhecer o objeto que é construído, é necessário ter consciência de que todo objeto propriamente científico é consciente e metodicamente construído, e é necessário conhecer tudo isso para nos interrogarmos sobre as técnicas de construção das perguntas formuladas ao objeto”. (BOURDIEU, 1999, p. 64)

A importância da reflexividade

O conhecimento científico elaborado por um pesquisador é sempre coletivo, uma vez que depende dos conhecimentos já acumulados, das instituições de ensino, pesquisa, dos instrumentos, técnicas, laboratórios, revistas científicas, bibliotecas etc. que estão disponíveis no campo científico em que atua, além do próprio processo de aprendizagem da pesquisa e de comunicação que se estabelece entre os estudiosos. É impossível construir conhecimento científico sem o diálogo e a comunicação com os outros cientistas, mesmo que essa comunicação ocorra de forma indireta, através da consulta de diferentes fontes de pesquisa. Essa relação entre os agentes do campo científico pode ser conflitiva e concorrencial, mas ela é fundamental para que cada estudioso rompa seu isolamento e leve em consideração os resultados das pesquisas que os outros já realizaram. O cientista se posiciona com seus interesses e concepções como um agente diante de uma determinada situação encontrada em um campo do qual ele esteja participando ou tentando o ingresso, situação essa que se expressa nas posições sociais determinadas, existentes da estrutura do campo em disputa, cada qual com seus recursos, poder e capital simbólico próprios.

Por isso, Bourdieu considera essencial que cada pesquisador desenvolva o hábito da reflexividade. Esse procedimento é chamado por Bourdieu de “trabalho de objetivação do sujeito da objetivação”. Como a pesquisa busca a realização de um “trabalho de objetivação”, que é a evidenciação ou apresentação pública de um aspecto da realidade muitas vezes não percebido pelos seres humanos que o vivenciam, a “objetivação do sujeito da objetivação” (Bourdieu 2004a, p. 130) é a revelação

da posição social do pesquisador, e que envolve sua origem social e trajetória, seus interesses econômicos e políticos. É também a revelação de sua religiosidade ou filiação política. Para Bourdieu é necessário que o pesquisador evidencie para si mesmo e para os leitores que têm acesso ao seu trabalho investigativo quais são as motivações e interesses que o levaram à realização da pesquisa. Para isso, também é relevante a evidenciação da posição do pesquisador e de sua disciplina especializada em relação ao campo científico, a quantidade maior ou menor de prestígio e autoridade de que dispõe, bem como suas relações de cooperação e conflito com os demais pesquisadores e instituições presentes no campo.

Considerações finais

Esta exposição didática não buscou a realização de uma discussão crítica quanto aos limites da epistemologia bachelardiana. Apresentamos alguns aspectos considerados como relevantes nas concepções epistemológicas defendidas por Georges Canguilhem e Gaston Bachelard, que foram adotadas por Pierre Bourdieu e mobilizadas nos trabalhos científicos desenvolvidos ao longo de sua trajetória.

Evidentemente, as “preliminares epistemológicas” defendidas por Bourdieu têm seus limites e inadequações. Entre as quais talvez as mais significativas sejam a concepção que preconiza a rejeição aos saberes não-científicos, pejorativamente denominados como “senso comum”; e o “princípio da não-consciência”, que destitui os agentes sociais da capacidade de conhecer criticamente as condições em que vivem.

Como estudiosos das teorias sociais e pesquisadores do mundo social podemos avaliar a relevância das concepções

epistemológicas defendidas por Bourdieu para a pesquisa científica. Conceber a realidade social como resultado das relações sociais estabelecidas historicamente, contribui para não naturalizarmos e para criticarmos as condições existentes. Conceber o conhecimento científico como construído coletivamente, em um contexto social e histórico, a partir da retificação constante dos erros teóricos, metodológicos e investigativos, nos ajuda a praticar a ciência com motivação e rigor, mas também com modéstia e ponderação.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *O novo espírito científico*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____. *A epistemologia*. Lisboa, Edições 70, 2006.
- _____. *La philosophie du non*. Paris, PUF, 1994.
- BARANGER, Denis (2012) Epistemología y metodología en la obra de Pierre Bourdieu. Posadas, 2ª. edición (1ª. electrónica). Disponível em: <http://denisbaranger.blogspot.com/>
- BOSCHETTI, Anna. Le métier de sociologue. Préalables épistémologiques. In: Sapiro, Gisèle. Dictionnaire International Bourdieu. Paris, CNRS Éditions, 2020).
- BOURDIEU, P. “Structuralism and Theory of Sociological Knowledge.” *Social Research*, Vol. 35, No. 4, Focus—Conservative Approaches in the Human Sciences (WINTER 1968), pp. 681-706 Published by: The New School Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/40969937>
- _____. *Razões práticas*. Campinas, Papirus, 1996.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- _____. *Para uma sociologia da ciência*. Lisboa, Edições 70, 2004a.
- _____. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 2004b.
- _____. “Marcel Mauss, aujourd’hui”, *Sociologie et sociétés*, vol. 36, n. 2, p. 20. Montréal, Presses de l’Université de Montréal,

2004c.

_____. *Esboço de auto-análise*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

_____. *O senso prático*. Petrópolis, Vozes, 2009.

_____. *Manet - Une révolution symbolique*. Paris, Éditions Raisons d'agir/Éditions du Seuil, 2013.

_____. *Sobre o Estado*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

_____. *Sociologie Générale*, Vol. 1, Paris, Raisons d'agir/Seuil, 2015.

BOURDIEU, Pierre et al. (CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude). *A profissão de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. *Una invitación a la sociología reflexiva*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

BULCÃO, Marly. *O Racionalismo da ciência contemporânea*. Londrina: Eduel, 1999.

KANT, Immanuel. *Ideias de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

CANGUILHEM, G. *Études d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants*

et la vie, Paris, J. Vrin, 1994.

CANGUILHEM, Georges. Sur une épistémologie concordataire. In: BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON; PASSERON; *A profissão de sociólogo*. Petrópolis: Vozes, 1999. P. 101-108

FOUCAULT, Michel. « La vie : l'expérience et la science ». In: Revue de métaphysique et de morale, 90 e année, n o 1, janvier-mars 1985, p. 3-14. Disponível em: <http://libertaire.free.fr/MFoucault237.html> Acesso em 05/04/2022.

LECOURT, Dominique. *La philosophie des sciences*. Paris, Presses Universitaires de France, 2010.

_____. *Georges Canguilhem*. Paris, Presses Universitaires de France, 2016.

SAPIRO, Gisèle. Dictionnaire international Bourdieu. Paris, CNRS Éditions, 2020.

VANDENBERGHE, Frédéric. O real é relacional: uma análise epistemológica do estruturalismo gerativo de Pierre Bourdieu. *Cadernos do Sociólogo*, IESP/UERJ, 1999.

Recebido em 2022-05-26
Publicado em 2022-07-01